

Perspectivas Demográficas do Brasil no Próximo Milênio

O autor analisa, inicialmente, os aspectos históricos da transição demográfica. Partindo do início do século traça o perfil da transição demográfica no Brasil, destacando a redução da mortalidade ao final da primeira metade do século e a recente queda da fecundidade, bem como as suas implicações sobre a estrutura etária da população. Observando os resultados do censo de 1991, discute a tendência da "desmetropolização" e o surgimento da migração internacional. Em relação ao futuro da população brasileira, aponta para um quadro onde os fatores que atuam na dinâmica populacional do país permitem a adoção de políticas sociais que contribuirão para a redução da dívida social.

UNITERMOS _ *Transição demográfica, queda da fecundidade, implicações sociais*

Introdução

Na história da humanidade sempre se destacou a preocupação com o volume e composição da população. Na antiguidade, os governantes buscavam conhecer o volume da população tendo em vista objetivos militares ou preocupações fiscais.

A própria história da religião católica registra o deslocamento de José e Maria para Belém, quando do nascimento de Jesus, como cumprimento de determinação legal com o objetivo de participar de um censo.

A relação entre população e os meios de subsistência, mesmo na era moderna, era muito próxima e direta, de forma que uma situação adversa _ seca prolongada ou chuvas em abundância _ poderia determinar o desaparecimento de cidades ou mesmo parcelas razoáveis de uma população.

A possibilidade de o homem dominar a natureza por meio de técnicas de cultivo e construção de abrigos mais duráveis contribuiu de forma clara para o aumento da probabilidade de sobrevivência. A melhoria dos transportes possibilitou que colheitas insuficientes fossem compensadas pela importação de excedentes de outros locais.

Na população, o aumento da esperança de vida

Coordenador do Núcleo de Estudos Populacionais da Gerência de Estudos e Projetos da Diretoria Técnica da Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central - GEPRO/DITEC/CODEPLAN - Brasília - DF.

ao nascer, mesmo que pequeno para os nossos padrões atuais, aliado a uma nova postura econômica que gerava as pré-condições do capitalismo, gerou uma preocupação nova: o excedente populacional.

Vários autores debruçaram-se sobre estas questões; e no século XVIII um em particular, Thomas Robert Malthus, ofereceu uma teoria que buscava explicações para os problemas do crescimento populacional, colocando as bases daquilo que, mais tarde, ficaria conhecido como a "explosão demográfica".

Em seu livro *Ensaio sobre o Princípio da População*, Malthus descrevia a chamada lei da população _ os alimentos crescem em progressão aritmética e a população em progressão geométrica _, onde os meios de subsistência definiam o limite do crescimento populacional que, uma vez ultrapassado, levaria a atuação dos "freios positivos", tais como guerras e doenças. Para evitar tal situação só a atuação de "freios preventivos", de cunho moral, tais como abstinência e casamento tardio, poderia dar resultados palpáveis.

O panfleto escrito por Malthus tinha por objetivo responder a dois autores, W. Godwin e M. Condorcet, que escreveram, respectivamente na Inglaterra e França, ensaios plenos de otimismo quanto à evolução da população. Na primeira edição de sua obra, Malthus chegava a apontar os pobres como aqueles que não tinham sido convidados para o banquete da vida e dele deveriam se retirar. O mundo sombrio de Malthus colocava sobre a população a culpa de sua própria miséria.

Na década de 90, o debate ganhou nova perspectiva com a redução da taxa de crescimento da população mundial, apesar de permanecer elevada em Com a evolução do sistema capitalista foram surgindo outras visões sobre a relação da população com os meios de sobrevivência e também com os meios de produção. Marx mostra que dentro do sistema capitalista até mesmo a população está submetida aos ditames do capital. O seu crescimento seria uma resposta à necessidade de novos braços, que incorporados ao exército industrial de reserva manteriam os salários em um nível de subsistência. Assim, o crescimento da população estaria atrelado ao sistema de produção e não seria fruto de fatores intrínsecos à sua própria dinâmica.

As inovações tecnológicas mostraram que as previsões de Malthus não estavam tão próximas quanto se fazia supor, mas o autor deixou um legado que seria lembrado, por diversas vezes através da História, por aqueles que viam na população a causa da miséria e do subdesenvolvimento.

No início do século atual, nos anos 20, começaram a surgir as bases do que hoje se conhece como Teoria da Transição Demográfica. De forma simplificada, a teoria aponta que o comportamento da população deveria acompanhar o seguinte caminho: partindo-se de uma situação onde as taxas de mortalidade e natalidade eram elevadas, por conseguinte com reduzido crescimento populacional, a queda da mortalidade, em um primeiro momento, sem a respectiva redução da fecundidade, levaria a um crescimento elevado da população; passado algum tempo, em resposta à redução da mortalidade, haveria um descenso da fecundidade e a volta a uma taxa de crescimento reduzida.

Supõe-se que este esquema teria sido seguido por todos os países em momentos diferentes e com intervalos de tempo diversos entre o início e o final do ciclo. Nos países mais desenvolvidos, que completaram a transição, o tempo entre o começo e o final do processo teria sido, em alguns casos, de um século. As modificações nas taxas de mortalidade e natalidade eram resposta à evolução econômica e social da sociedade.

Nos países em desenvolvimento, principalmente no pós-guerra, fatores exógenos deram grande contribuição para a queda da mortalidade, o que gerou um rápido crescimento da população. O novo contingente populacional que escapara da morte precoce incorporava-se à população, aumentando a pressão sobre os equipamentos sociais. Neste momento, surgiu o debate sobre a explosão demográfica. Vários atores sociais vinham a público defender o controle do crescimento populacional como a única forma de se alcançar o desenvolvimento econômico. Outros, defendiam que o desenvolvimento seria o fator gerador para a redução do crescimento populacional. Em pontos extremos, alguns grupos defendiam o crescimento populacional pois nele viam a possibilidade de ocupar os espaços vazios ou, por outro lado, a forma de aprofundar as contradições do sistema capitalista e, com isto, promover a revolução social.

Nos encontros internacionais o debate sobre a inter-relação entre desenvolvimento e crescimento econômico era levado de forma apaixonada. Estes aspectos dominaram as Conferências Internacionais sobre População de Bucareste, em 1974, e do México, em 1984 (1). alguns países, enquanto que em outros tenha sido significativa. Neste último grupo é que se inscreve o Brasil. Entre outros fatores, o aumento da participação da mulher nas atividades econômicas e o seu papel como ator social contribuíram decisivamente para mudanças no comportamento reprodutivo e conseqüente reflexo no crescimento da população. A discussão sobre a explosão demográfica, ou a "bomba de população", deixa de ser o centro do debate e dá lugar à disputa entre o arcaico e o moderno na interpretação do direito à informação e educação sobre população, basicamente saúde reprodutiva, como aconteceu na Conferência sobre População e Desenvolvimento do Cairo, em 1994.

A evolução da população no Brasil

A transição demográfica no Brasil teve seu início, como na maioria dos países da América Latina, no pós-guerra. Segundo Elza Berquó, a taxa bruta de mortalidade no período 1921-1941 foi estimada em 24,8 por mil habitantes, reduzindo-se para 20,9 entre 1941-1950, chegando a 14,2 e 12,0 nos períodos de 1951-1960 e 1961-1970, respectivamente (2). No ano de 1970, a esperança de vida do brasileiro situava-se em 53,7 anos, ou seja, 21,7 anos a mais que a esperança de 32 anos estimada para o ano de 1920. Para 1990, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta uma taxa bruta de mortalidade da ordem de 7,19 por mil habitantes e uma esperança de vida de 65,6 anos (3).

Essa redução da mortalidade está ligada ao recuo, em um primeiro momento, dos óbitos por doenças infecto-contagiosas e conseqüente redução da mortalidade infantil.

No período de 1930 a 1950, a taxa bruta de natalidade manteve-se em um patamar próximo ao valor de 45 por mil habitantes, quando inicia-se uma suave queda que se acelera nas últimas décadas (2). Em 1980, o valor estimado pelo IBGE aponta para 31,2 por mil, e em 1990 para 23,6 (3).

O fator preponderante para a redução da taxa de natalidade foi a queda da fecundidade, em termos do número médio de filhos tidos pelas mulheres, que caiu de 6,5 nos anos 50 para 2,6 em 1990(3). Esta redução acarretou

profundas modificações na estrutura etária da população.

Como mostra o Quadro 1, estes fatores, com maior ênfase à fecundidade, foram responsáveis pela redução na taxa de crescimento da população. Nas últimas décadas o Brasil passou, e ainda passa, por profundo processo de transição demográfica, com conseqüentes impactos sobre o volume e composição de sua população.

Taxa média geométrica de crescimento anual

Brasil 1940 _ 1991

Quadro 1

Período Taxa Período Taxa

1940 -1950 2,3 1970 -1980 2,5

1950 -1960 3,2 1980 -1991 1,9

1960 -1970 2,8

Fonte: NEPO/UNICAMP(4)

Assim, já no início da década de 80, a população dava sinais claros de que a tão propalada explosão demográfica não iria acontecer. Os resultados do censo de 1991 mostram que um novo padrão demográfico estará em vigência, com profundas repercussões sobre o futuro do país.

Em relação à estrutura etária houve notável mo

dificação na participação dos grupos etários na composição da população. O Quadro 2 mostra a composição da população por grandes grupos etários. Observa-se que apesar da queda da mortalidade, iniciada já nos anos 40, será com a redução da fecundidade que haverá de fato uma modificação na estrutura etária da população, com sensível diminuição da proporção de jovens com menos de 15 anos e aumento da parcela da população com mais de 65 anos. A razão de dependência, indicador da relação entre população em idade produtiva(15-65 anos) e população dependente(menor que 15 e maior de 65 anos), que pouco variou até 1970, sofre uma redução nas duas últimas décadas.

Proporção da população por grupo etário

Brasil 1940 _ 1991

Quadro 2

Ano Grupos Etários

0-14 15-64 65

e mais

1940 42,6 55,0 2,4

1950 41,9 55,5 2,6

1960 43,2 54,3 2,5

1970 42,6 54,3 3,1

1980 38,8 57,2 4,0

1991 35,0 60,2 4,8

Fonte: NEPO/UNICAMP(4)

Em relação à distribuição espacial de sua população, o Brasil sofreu nas últimas décadas uma transformação sem precedentes. Até 1960, mais de 50% da população vivia na região rural. Este quadro foi se modificando e, em 1991, 75% dos habitantes estavam na região urbana. O padrão desta urbanização nos anos setenta apontava para um crescimento das grandes cidades que, segundo a crença geral, transformar-se-iam nos anos noventa em verdadeiras megalópolis, colocando cidades brasileiras, tais como São Paulo, entre as mais populosas do mundo.

A cidade de São Paulo _ que na década de 70 cresceu a uma taxa média da ordem de 3,67, no

período de 1980 a 1991 _ teve uma taxa de crescimento próxima de 1,0, resultado que aponta para um saldo líquido migratório negativo por volta de 400.000 pessoas. O conjunto das regiões metropolitanas conheceu no período intercensitário de 1980/91 um crescimento da ordem de 1,8% ao ano, sendo que os núcleos das regiões, as capitais, cresceram 1,2% e a periferia 2,9% (6).

As cidades de porte médio, principalmente nas regiões mais desenvolvidas, passaram a receber maior fluxo de migrantes. Este processo de desmetropolização indica modificações no padrão da ocupação urbana, que deverá seguir seu curso nas próximas décadas.

Neste conjunto de novos aspectos surgiram também indícios que a migração internacional, fator anteriormente considerado desprezível em qualquer estimativa da população, passa a ocupar um espaço de importância na composição da dinâmica da população brasileira. Estima-se entre 1,5 a 2,5 milhões o número de brasileiros que saíram do país na década passada. Considerando-se que esta população tem características peculiares quanto à sua idade e região de origem, espera-se que o impacto sobre a população em idade produtiva não seja negligenciável.

O quadro da recente dinâmica populacional no Brasil mostra que o processo de transição iniciado no pós-guerra ainda perdura. Condicionantes regionais determinam avanços lentos e rápidos, o que coloca alguns estados em estágios mais avançados desta transição e outros ainda na sua fase inicial. No entanto, a queda da fecundidade é hoje uma realidade em todo o país, independente da situação da mortalidade.

Implicações da situação atual e o futuro

Como anteriormente apontado, as transformações que a população brasileira vem passando abrem novas perspectivas para o entendimento da relação população e desenvolvimento econômico-social.

A queda da fecundidade, provavelmente o fator mais importante, ocorreu por uma série de fatores que vão da maior urbanização até ao aumento da participação da mulher no mercado de trabalho. A tendência já observada nos anos 70 toma novo impulso e estende-se por todos os estratos sociais e em todas as regiões, com algumas diferenças.

As conseqüências destas mudanças serão sentidas na estrutura etária de forma distinta e progressiva, onde, durante algum tempo, coexistirão situações diversas de grupos populacionais, fruto de histórias de fecundidade diferentes. Assim, os efeitos serão paulatinos em grupos etários específicos, passando de geração a geração até atingir a população como um todo.

Este fato levará à criação de situações potencialmente favoráveis para a resolução de alguns problemas sociais, permitindo o redirecionamento de recursos para atender demandas futuras.

O primeiro grupo atingido por esta nova tendência é a população infantil de 0 a 4 anos. No período entre 1980 e 1991 esse grupo etário teve uma taxa de crescimento de menos 0,2% ao ano. Ficam patentes as implicações para o sistema de ensino que, na pior das hipóteses, deveria adequar-se para atender, no máximo, a um contingente de um milhão de novos alunos no primeiro grau, nos próximos trinta anos. Isto significa uma redução da ordem de 18 milhões de crianças, se comparada com a expectativa de crescimento, mantendo-se a mesma taxa observada entre 1940 e 1970(5).

Deve-se considerar que essas crianças ainda hoje, e provavelmente por um bom tempo, vivem em condições adversas onde a taxa de mortalidade infantil, apesar de significativas reduções, ainda nos coloca em desvantagem com relação a países com menor renda *per capita*. A redução do crescimento do efetivo neste grupo abre

oportunidade para novos investimentos que poderiam reduzir ainda mais a mortalidade infantil.

A população em idade escolar de 7 a 14 anos também experimentará, segundo o IBGE, uma queda entre 1990 e 2020 da ordem de 3,3 milhões de crianças (3). Caso aplicássemos sobre a população de escolares de 1990 a taxa de crescimento observada entre 1980 e 1990 para este grupo etário, teríamos, em 2020, uma diferença a mais de, aproximadamente, 18 milhões de crianças.

Estes dados sugerem que a política de crescimento da rede física de escolas, que dominou a cena da educação do país até recentemente, deverá, forçosamente, ser revista para permitir uma adequação frente à nova dinâmica da população, dando ênfase aos aspectos qualitativos da educação.

De forma diversa ao contingente de crianças, até o ano 2020 espera-se um crescimento da ordem de 51 milhões, segundo o IBGE, na população entre as idades de 15 a 64 anos que, a grosso modo, pode ser considerada a população na idade ativa (3). Este fato irá exigir a criação de novos postos de trabalho e condições para absorver as mudanças estruturais na economia e na composição da força de trabalho.

Nos anos 80 houve, segundo Martine, um aumento da participação da mulher na força de trabalho, principalmente no setor terciário (5). Além da terceirização da economia, outros fatores como a urbanização, a modernização e o crescente empobrecimento das classes trabalhadoras urbanas, com a conseqüente necessidade de complementação do orçamento doméstico, contribuíram para a inserção da mulher na atividade produtiva. O impacto da queda da fecundidade é outro aspecto importante, pois liberou a parcela do tempo empregada no cuidado às crianças para atividades fora do lar, apesar de persistir a "jornada dupla" para as mulheres.

O ápice da pirâmide etária, população de 65 anos e mais, é, provavelmente, o grupo que experimentará o maior crescimento e deverá receber maior atenção. Apesar de não muito numeroso, aproximadamente 18 milhões em 2020, sua participação no total da população deverá estabilizar-se em 15% por volta do ano 2050 (3,5).

Numa situação onde há um processo de queda da fecundidade, a tendência geral é a redução do tamanho médio das famílias, o que fatalmente colocará o idoso em condição material e psicológica desfavoráveis. Para as famílias menores o idoso passará a ser um peso maior, com menos filhos para dividir a tarefa dos seus cuidados, e terá grande probabilidade de ficar sozinho. Principalmente as mulheres, que formam o maior contingente deste grupo etário.

O atendimento à saúde da população idosa é, sem sombra de dúvida, mais oneroso que o de outras parcelas da população. Há predominância das doenças crônico-degenerativas de tratamento mais caro e que, em alguns casos, exigem maior tempo de atendimento, equipamentos caros, medicamentos e pessoal especializado.

Considerando-se o atual estado do atendimento médico no país e o fato de que a população de 65 anos e mais deverá crescer entre 1990 e 2020 a uma taxa de 3,5% ao ano _ a população total crescerá a 1,08% __, é primordial a redefinição de políticas para o setor, para evitar, no futuro, uma falência mais profunda do serviço de saúde.

Outro ponto que merece atenção e já suscita grande debate é o sistema de previdência. Apesar do aumento na esperança de vida, é no declínio da fecundidade e conseqüente alteração nos pesos relativos dos diversos grupos etários da população que reside o maior problema relacionado às aposentadorias (5). O aumento da taxa de dependência da população de 65 anos e mais, em relação àquela em idade produtiva (15 a 64 anos), praticamente irá dobrar entre 1980 e 2020, passando de 6,9% para 12,8%. A necessidade de gerar recursos suplementares para fazer frente às despesas de um sistema que hoje, apesar de toda a polêmica sobre o assunto, é considerado por todos como imperfeito e falido, ficará em futuro próximo impossível de ser absorvida pela sociedade.

Conclusão

O processo de mudanças por que passou e vem passando a população brasileira é irreversível e não sofrerá descontinuidade, pelo menos em curto prazo. As conseqüências mais imediatas deste processo estão na redução da taxa de crescimento da população, fruto da redução dos nascimentos.

Abre-se a perspectiva para se fazer reformas profundas no sistema educacional, com vistas à melhoria na qualidade de ensino e preparação dos jovens para um mercado de trabalho cada vez mais exigente de qualificação.

O papel que a mulher vem exercendo no mercado de trabalho e em outras atividades coloca um novo desafio em termos da qualificação da mão-de-obra e nutre a luta pela queda de barreiras e preconceitos em relação à mulher e seu lugar na sociedade.

Outro ponto a considerar é a criação de uma cultura da terceira idade, onde aos idosos é garantido o direito de

cidadão, respeitando-o como aquele que forjou, no passado, a sociedade que, no momento, beneficia os jovens. Assistência à saúde, amparo material e psicológico devem ser considerados na agenda dos planejadores.

Desconhecer as implicações da nova dinâmica demográfica do Brasil será deixar passar uma oportunidade ímpar para uma profunda modificação estrutural da nação, redefinindo áreas de prioridade para o investimento social. Se, por um lado, esta nova dinâmica traz benefícios diretos em ter

Abstract _ *Demographic Perspectives In Brazil For The Next Millenium*

First of all, the author analyses the historical aspects of the demographic transition. He outlines the demographic transition that has been occurring in Brazil since the beginning of this century, by emphasizing mortality reduction at the end of the first half of this century, as well as the recent drop in fertility and its reflections on the population's age structure. Noting the findings of the 1991 census, he discusses the "demetropolitanization" trend and the arising of an international migration. In relation to the future of the brazilian population, he shows a scenario where factors acting in the country's population dynamics allow the adoption of social policies that will contribute to reduce social debt.

Referências Bibliográficas

1. Demeny P. Population and development. Liege: UISSP Liege, 1994. IUSSP distinguished lecture series.

2. Berquó E. Fatores estáticos e dinâmicos. In: Santos JLS, Levy MEF, Szmrecsányi T. Dinâmica populacional: teoria, métodos e técnicas de análise T.A. Rio de Janeiro: Queiroz Editor, 1991: 21-85.

3. Fundação IBGE. Projeções preliminares de população. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisa do IBGE, 1995.

mos da possibilidade de ampliar o nível de bem-estar da população, por outro, indica que profundas modificações deverão ser implementadas sob pena de a sociedade deixar passar ao largo, provavelmente nos próximos 50 anos, a grande oportunidade de transformação do Brasil.

4. Berquó E, Baeninger R, Fonfechi G. Dados demográficos: situação demográfica brasileira: Brasil e região Sul. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1996.

5. Martine G., coordenador. Mudanças recentes no padrão demográfico brasileiro e implicações para a agenda social. Brasília: IPEA, 1994. (Texto para discussão, nº 345).

6. Martine G. Processo recente de concentração e desconcentração urbana no Brasil: determinantes e implicações. Brasília: ISPN, 1993. (Documento de trabalho, nº 11). Mimeo.

Endereço para correspondência:

SAIN Projeção H

Ed. CODEPLAN, 2º andar, sala 204

70620 - 000 Brasília - DF

Agradecimentos

O autor agradece os comentários e sugestões de Humberto de Campos, que muito contribuíram para a elaboração do texto, e o auxílio de Alexis Nogueira.